

A INTERAÇÃO SOCIAL E A CONSTRUÇÃO DA BRINCADEIRA

Maria Isabel Pedrosa

Departamento de Psicologia da UFPE

Ana Maria Carvalho

Instituto de Psicologia da USP

RESUMO

Este trabalho focaliza a construção conjunta de brincadeiras em crianças de 1 a 3 anos, mediante a descrição e análise de dois episódios lúdicos gravados em vídeo durante períodos de atividade livre em uma creche de periferia da cidade de São Paulo. A análise parte da concepção da criança como agente ativo de seu desenvolvimento e da interação social como componente privilegiado desse processo.

BRINCADEIRA — INTERAÇÃO SOCIAL — DESENVOLVIMENTO INFANTIL

ABSTRACT

SOCIAL INTERACTION AND THE BUILDING UP OF PLAY. The joint construction of play activities by 1-3 year-old children is focused in this paper through the description and analysis of two play episodes, video-recorded during free-play in a daycare center in the periphery of São Paulo. The framework of the analysis is the view of the child as an active agent of his/her development, and of social interaction as a privileged component of this process.

A revalorização da atividade lúdica como componente fundamental do desenvolvimento do ser humano (bem como, numa perspectiva comparativa, de muitas outras espécies) é uma tendência já antiga e bem incorporada aos conhecimentos e concepções da Psicologia (p. ex., Bruner et al., 1976). Nas últimas décadas, essa tendência se enriqueceu e se tornou mais especificada em decorrência da atenção crescente ao papel do parceiro social no desenvolvimento, conduzindo, nos estudos mais recentes, a uma ênfase na análise do "brincar junto" (Carvalho, 1989; Carvalho e Beraldo, 1989).

Diversas concepções tradicionais sobre o processo de desenvolvimento supuseram a prioridade, pelo menos temporal, do objeto sobre o parceiro social, como alvo da atenção e do interesse da criança. Essa noção reflete pelo menos dois pressupostos: de um lado, a idéia de que um certo grau de desenvolvimento cognitivo é condição para a interação e para as relações sociais leva, de certa forma, a se pensar a interação com o objeto como mais compatível com os estágios iniciais do desenvolvimento cognitivo do que a interação social. Esta, por sua vez, seria um evento mais tardio, no qual se reproduziriam, por assim dizer, esquemas e outras aquisições desenvolvidas na interação com o mundo físico. Por outro lado, prevaleceu, até um período não tão remoto como se pode pensar hoje (Thoman, 1979), uma concepção da criança como um organismo passivo, desorganizado e incompetente, sobre o qual o ambiente imprime suas influências de forma a moldá-lo como ser humano. Essa concepção contribuiu para retardar o reconhecimento da importância da motivação social como parte e contexto do desenvolvimento. Associados ou não, esses dois pressupostos levaram, mesmo depois do reconhecimento da motivação exploratória e lúdica, a conceber a interação social como uma instância particular do brincar, e/ou como uma extensão da interação com objetos (Carvalho, 1989).

Mais recentemente, uma série de evidências veio contrariar esse tipo de concepção (Carvalho, 1989; Carvalho e Beraldo, 1989), mostrando, por um lado, a alta prioridade da motivação na interação social e, particularmente, da interação criança-criança; por outro lado, indicando que o comportamento social é regulado por mecanismos próprios e específicos desde o nascimento e conduzindo, em última instância, a uma inversão de perspectiva, em que a interação social passa a ser vista como constitutiva do desenvolvimento cognitivo e da interação com o mundo físico (Pedrosa, 1989).

Este é o contexto teórico em que se situa a análise a ser apresentada aqui. Uma discussão mais extensa das concepções que acabamos de esboçar foge ao âmbito deste trabalho¹. Pretende-se, basicamente, evidenciar a riqueza e potencial construtivo da interação entre crianças mediante uma análise qualitativa de episódios lúdicos. Esta proposta se justifica em dois sentidos principais: do ponto de vista da construção do conhecimento, dá mostra de um esforço para traduzir empiricamente a noção de como proces-

so constitutivo e convida à reflexão sobre a utilidade heurística dessa noção; do ponto de vista prático, tem implicações potenciais em termos de práticas de criação e planejamento de ambientes de desenvolvimento para a criança pré-escolar.

CRIANÇAS BRINCANDO JUNTAS

Os episódios lúdicos que serão descritos e analisados aqui foram selecionados de um registro em vídeo, gravado ao longo de um ano, durante períodos de recreação livre de crianças de 1 a 3 anos, em uma creche da periferia da cidade de São Paulo². É apresentada, inicialmente, uma descrição resumida dos episódios, contendo as informações consideradas necessárias para situar o material e oferecer pistas de contexto para os aspectos que serão focalizados na análise. O recorte dos episódios em "momentos", utilizado originalmente como recurso de análise, foi mantido nesta apresentação com o objetivo de facilitar ao leitor a localização dos eventos analisados.

Episódio "Dêta"

Duração: 4'10"

Idade das crianças: 1;5 a 2;9³

Situação e resumo: as crianças estão no pátio recreando. O episódio consiste na criação de um jogo de deitar-se e sentar-se: uma criança sentada passa um brinquedo ou a mão na barriga de outra que está deitada. Revezam-se os papéis: a criança deitada se senta, e a que estava sentada deita-se. Há interrupção, retomada e "convite" a outra criança para brincar.



- 1 Alguns aspectos dessa discussão são abordados em textos ainda aguardando publicação (Carvalho e Pedrosa; Pedrosa, Carvalho, Hamburger).
- 2 Uma descrição detalhada de procedimentos e condições de realização do trabalho pode ser encontrada em Pedrosa, 1989.
- 3 A convenção usada para indicar a idade das crianças é: idade em anos; idade em meses (2;3 = 2 anos e 3 meses).

1º momento: (1'56")⁴ — Vânia, do balanço, olha Viviane sentada na grama; aproxima-se dela, senta-se ao seu lado, ri e dá um gritinho, sempre olhando. Viviane se deita, Vânia debruça-se sobre ela e ambas se sentam. Vânia se deita, Viviane não olha para ela, Vânia se senta e olha em volta.

2º momento: (2'56") — Vânia se levanta, sai de foco, volta para o mesmo lugar com uma pá e se deita. Viviane olha para ela, começa a se deitar, mas se ergue e continua com a atenção voltada para o ambiente. De certa distância, Cristiane e Luciana olham para a primeira diáde. Vânia, que olhava Viviane, dá um gritinho, senta-se e olha para Cristiane.

3º momento: (3'37") — Cristiane se aproxima de Vânia e se deita voltada para ela. Vânia chega mais perto dela, puxa sua blusa, descobre a barriga e encosta a pá; Cristiane se encolhe como se sentisse cócegas e cobre a barriga. Vânia ri. Cristiane se senta, olha e aponta para a grama. Vânia se deita, puxa a própria blusa para cima e baixa de novo. Cristiane aproxima a mão da barriga de Vânia. Vânia ri, dá um gritinho que soa como "não", encolhe-se, senta-se e fala "não", em tom de riso. Cristiane se deita. Vânia olha e fala "dêta" (deita), aproxima-se, puxa a blusa de Cristiane falando "aíga, aíga" (barriga) e passa a pá sobre a barriga de Cristiane. Esta dá um gritinho, vira para o outro lado e se senta. Vânia olha Cristiane, bate a mão no chão duas vezes e fala "aqui, dêta". Cristiane olha e aponta na mesma direção, sonorizando algo. Vânia se arrasta para o local, sentada, mas não se deita; depois se afasta, de quatro pés. Cristiane aponta de novo o chão, olhando para Vânia, que está de costas. Vânia olha rapidamente para Cristiane.

4º momento: (4'28") — A seqüência é interrompida pelas pajens que forram a grama com uma lona. Ouve-se Vânia dizer "dêta".

5º momento: (4'50") — Vânia fala "dêta, dêta", caminhando para cima da lona. Pára, volta-se para Cristiane, repete "dêta, dêta", e se senta. Cristiane se levanta, aproxima-se e aponta para a lona; Vânia olha e anda de quatro pés na direção apontada. Rafael passa correndo na frente das duas.

6º momento: (5'03") — Rafael gira o corpo, corre em círculo, cai de joelhos e se senta perto de Vânia e Cristiane. Daniela chega, joga-se com as mãos sobre a lona e senta-se mais afastada. Vânia, rindo, senta-se perto de Rafael.

7º momento: (5'13") — Daniela olha para a tríade — Vânia, Cristiane e Rafael — enquanto Rafael gira o corpo para o lado de Cristiane, rola e se deita. Vânia se aproxima mais e se senta. Rafael rola deitado. Cristiane se debruça sobre ele e bate nele com as duas mãos. Vânia aproxima-se mais e diz "dêta, dêta". Daniela se deita, ergue e baixa as pernas três vezes e depois se senta.

8º momento: (5'29") — Rafael fica de quatro pés. Cristiane se afasta, enquanto Vânia levanta um pouco a blusa de Rafael e passa a pá em suas costas, falando "dêta". Rafael se levanta. Daniela volta a se dei-

tar, ergue e baixa as pernas e senta. Cristiane volta na direção de Rafael e Vânia.

9º momento: (5'41") — Daniela olha a tríade. Vânia, sentada, gira o corpo e se põe de quatro pés, numa ação de levantar-se. Daniela gira o corpo, se põe de quatro e fala "miau, miau". Vânia, em pé, corre, olha Daniela, ri e dá gritinhos. Rafael e Cristiane também se põem de quatro pés. Cristiane levanta-se e segue Viviane, que chegou e anda pela lona. Vânia olha para elas e vai na mesma direção. Daniela continua de quatro pés e anda na direção delas.

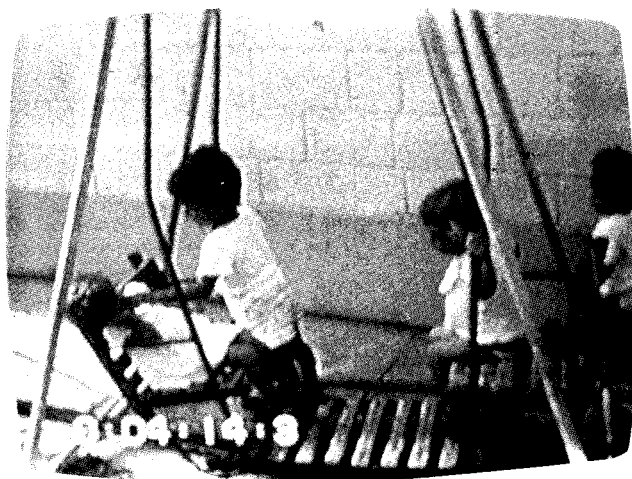
10º momento: (6'06") — Todos se orientam para a pajem e a seqüência da brincadeira se interrompe. Em minutos posteriores, ouve-se, algumas vezes, Vânia falar "dêta" em meio a outras atividades.

Episódio "Fingindo dormir"

Duração: 7'17"

Idade das crianças: 2;1 a 2;9 (média 2;5)

Situação e resumo: as crianças recreiam no pátio, onde existe apenas um brinquedo: um balanço de duas cadeirinhas. O episódio se inicia quando Lucinéia se aproxima do balanço e acontece uma cena agonística: Lucinéia se introduz no balanço e Viviane, João e Alexandre, que já estão lá, tentam impedi-la; cena parecida se repete, mais adiante, entre Viviane e João, mas se transforma em uma seqüência sincronizada de movimentos e sonorizações. Constrói-se, entre as crianças, uma brincadeira de fechar os olhos encostando a cabeça no espaldar da cadeira.



4 Os numerais entre parênteses sinalizam o início de cada momento, conforme indicado no vídeo.

1º momento: (1'22") — Lucinéia chega até o balanço, onde estavam outras três crianças: Viviane e João sentados e Alexandre, fora do balanço, impulsionando-o. Lucinéia senta-se na grade inferior do balanço. Alexandre empurra Lucinéia com o pé; João bate nela com a mão, falando "sai". Viviane também a empurra; João e Alexandre puxam os cabelos de Lucinéia, que choraminga, mas continua sentada; pára de choramingar e olha para Viviane.

2º momento: (1'48") — João sai. Alexandre volta a impulsionar o balanço. Alexandre puxa outra vez o cabelo de Lucinéia.

3º momento: (2'36") — Lucinéia se afasta. Alexandre se senta, encosta a cabeça no espaldar da cadeira e fecha os olhos por um instante. Viviane olha para ele (quando ele já está de olhos abertos) e também encosta sua cabeça do mesmo jeito. Alexandre levanta-se; olha atentamente para Viviane. Viviane desencosta a cabeça; Alexandre aproxima-se e empurra, levemente, a cabeça dela, como que para encostá-la outra vez; ele ri, desce do balanço e fala alguma coisa. Ela se desencosta, olhando para ele. Alexandre impulsiona o balanço, inclina ligeiramente a cabeça para trás e fecha os olhos. Viviane olha para ele.

4º momento: (3'41") — Alexandre sobe no balanço e se aproxima de Viviane; tenta encostá-la, mas Viviane se antecipa. Alexandre põe dois dedinhos sobre os olhos dela para fechá-los; ela ri, passa a mão em um dos olhos e encosta a cabeça nessa mão, escorando o braço na cadeira. Alexandre aproxima-se mais e, com um dedo, cuidadosamente, baixa a pálpebra do olho de Viviane. Ela, em seguida, abre o olho. Lucinéia volta ao balanço, senta-se na cadeira oposta e olha para os dois. Alexandre continua fechando o olho de Viviane, que o abre em seguida; faz isso cinco vezes. Vânia aproxima-se do balanço e fica olhando.

5º momento: (4'22") — Lucinéia se levanta, ficando atrás de Alexandre. Este se volta para ela. Lucinéia se senta. Alexandre bate nela.

6º momento: (4'59") — João chega até o balanço e se orienta para Viviane, falando algo; tem-se a impressão de que ele quer um cantinho na cadeira. Viviane o empurra com a mão e se põe em pé na cadeira. João estira a língua para ela com um som "una". Viviane chuta-o de leve. João olha para ela e diz "sai". Viviane repete o "sai" com a mesma entonação e mímica. João faz um ar de riso e repete "sai". Viviane começa a pular e cantar: "pula, pula, pula... pé, pé, pé".

7º momento: (5'22") — João entra no balanço e fica em pé, de frente para Viviane. Alexandre e Lucinéia orientam-se para aquela diáde. Viviane empurra João com o pé, falando "sai"; este diz "ai, não, (?)ocou". Viviane olha João, dá três pulos sincrônicos com o som "té, té, té", e pára. João faz igual enquanto Viviane olha; ele pára; Viviane ensaia pulinhos (apenas faz a flexão do corpo, sem levantar os pés da cadeira), falando "té, té, té, té"; depois continua flexionando o corpo para baixo e para cima de modo mais lento, sonorizando no ritmo da flexão. Sem que

Viviane pare, João faz igual a ela, introduzindo-se corretamente na seqüência, ou seja, flexionando o corpo para baixo no momento em que ela também flexiona para baixo. João continua a seqüência com uns pulinhos miúdos e rápidos. Viviane dá mais uns pulinhos cantando "Bahia, Bahia". Ela pára e faz outro movimento de flexão para trás, sempre sonorizando no mesmo ritmo do movimento.

8º momento: (5'52") — Alexandre desce do balanço e começa a impulsioná-lo.

9º momento: (6'14") — Daniela chega perto do balanço, pelo lado oposto ao de Alexandre, e fala: "pala aí, pala aí. Oh nenê, pala aí". Todas as crianças olham para ela. Alexandre pára de impulsionar. Daniela tenta subir no balanço, desiste e ocupa o lugar deixado por Alexandre, impulsionando o balanço. Lucinéia encosta a cabeça no espaldar da cadeira. Alexandre olha para ela e faz igual, fechando os olhos. Lucinéia desencosta a cabeça e olha para Alexandre; encosta-se outra vez, fechando os olhos. Daniela olha para os dois e ri. Depois, ela própria fecha os olhos, sem parar de balançar. Alexandre e Lucinéia abrem os olhos e riem; Daniela ri também. Os dois encostam a cabeça no espaldar da cadeira e fecham os olhos outra vez. Daniela toca em Alexandre; ele abre os olhos (acorda?) e ri para Daniela. Volta a se encostar e fechar os olhos.

10º momento: (7'53") — Daniela, de repente, dá uns gritinhos fortes e rápidos: "pá, vá, tá". Ela pára de impulsionar o balanço, sobe nele, olha Alexandre e Lucinéia com a cabeça encostada e os olhos fechados; dá uns tapinhas em Lucinéia e fala: "corda, Tiane; corda, Kistiane; corda, Kistiane". Lucinéia continua "dormindo", Alexandre também. Daniela aproxima seu rosto do de Lucinéia; Alexandre encosta o rosto no de Daniela. Daniela vê alguma coisa no chão, fora do balanço e diz: "olha! olha, nenê! nenê, olha!", dirigindo-se para aquele local. Lucinéia, Alexandre e Vânia também se voltam para lá.

CONSTRUINDO A BRINCADEIRA

O primeiro fato que se evidencia no material descrito é a ocorrência de brincadeira compartilhada, sem a sugestão ou a interferência do adulto, em crianças desde menos de dois anos de idade. Mais do que simples ocorrência, no entanto, evidencia-se a construção ativa e coletiva de seqüências lúdicas, a partir de elementos da situação, interagindo com elementos da experiência prévia das crianças. Que pistas este material oferece para se procurar compreender como se dá essa construção?

No início do episódio "Dêta", Vânia (2;0) aproxima-se de Viviane (1;8), senta-se a seu lado, ri e dá um gritinho, talvez sinalizando disponibilidade para brincar. Neste momento Viviane se deitou. Essa ação de Viviane como que foi **recortada** por Vânia, constituindo-se, para ela, numa possibilidade de brincar: Vânia ajustou-se à situação, acrescentando-lhe algo, ou seja, debruçou-se sobre ela e em seguida sentou-

se; Viviane sentou-se também e, então, Vânia deitou-se. A seqüência do episódio mostra a construção da brincadeira do senta-deita entre Vânia e outra parceira (Cristiane), a partir desse início desencadeado pelo recorte do deitar de Viviane por Vânia.

Outros momentos dos episódios focalizados sugerem também essa forma de regulação entre as crianças: uma ação entre várias ou um aspecto de uma ação de uma criança são recortados pela outra e esse recorte orienta e estrutura uma seqüência interativa, seja ou não partilhado pela criança que lhe deu origem. O recorte destacando uma ação da criança pode cumprir a função de sinalizar a disponibilidade para iniciar uma seqüência. Neste caso, é possível falar da ação recortada como uma **proposta**; este nome é sugestivo do potencial que tem a ação de servir de pista para orientar ou reorientar a atividade. Não se restringe, no entanto, às ações que são seguidas pelo grupo; se assim acontecer, fala-se de uma proposta aceita pelo parceiro ou pelo grupo, caso contrário, diz-se que a proposta não foi seguida.

No episódio "Dêta" evidencia-se um exemplo de recorte que pode ser interpretado com esta função sinalizadora. No 9º momento, quando Vânia estava sentada e se pôs de quatro pés, apoiando-se no chão para levantar-se, Daniela (2;2), que olhava para ela, se pôs imediatamente de quatro pés e falou "miau, miau". Vânia correu, olhou para Daniela, riu e deu gritinhos; Rafael (2;9) e Cristiane (1;9) também se puseram de quatro pés.

Nesse exemplo, vê-se que Daniela recortou uma postura de Vânia — o ficar de quatro pés —, postura que fazia parte do contínuo da ação de levantar-se.

Ao repetir essa postura, acrescentando-lhe o "miau, miau", Daniela comunicou ao grupo sua disposição de brincar, o que foi entendido por Vânia, que correu em sua direção rindo e dando gritinhos, e pelas duas crianças que se puseram na mesma posição.

O mesmo se pode dizer, nesse episódio, do deitar-se de Vânia que se segue ao deitar-se de Viviane (1º momento); mas, neste caso, a proposta não foi aceita por Viviane, que tinha a atenção orientada em outra direção.

No episódio "Fingindo dormir" pode-se selecionar mais um exemplo de recorte que se torna proposta. No 2º momento, Alexandre (2;4) sentou-se na cadeirinha do balanço, encostou a cabeça no espaldar e fechou os olhos por um instante. Viviane (2;1), sentada na cadeira em frente, encostou sua cabeça do mesmo jeito. Alexandre levantou-se e olhou atentamente para ela; iniciou-se assim a brincadeira de fingir dormir.

As idéias de recorte e proposta não se confundem. Ao recortar a ação do parceiro, a criança é regulada pela outra; é como se ela atribuísse à ação do outro o *status* de proposta. Ao devolver essa atribuição ao outro ela a **torna** uma proposta, uma nova forma de regulação potencial de sua ação e da ação do outro. O recorte pode também regular a ação da criança sem que ela o ofereça para ser partilhado —

por exemplo, reorientando uma atividade solitária. Isto ressalta o fato de que a atividade solitária não se opõe à interação social — é um momento desta.

Ocorrem também, no grupo, muitos comportamentos que podem ser considerados propostas, mas que não são recortes da ação da outra — são ações novas no grupo, naquele momento, ou variações de algo que já estava sendo realizado. Nem sempre é possível ao observador, nesses casos, reconhecer a origem ou o processo de constituição da proposta, mas seu potencial regulador em geral fica bem evidente.

Um exemplo pode ser retirado do episódio "Fingindo dormir", no 7º momento, quando Viviane (2;1) se pôs de pé na cadeira do balanço, em meio à seqüência interativa com João (2;3): ela olhou para ele, deu três pulinhos sincronizados com o som "té, té, té" e parou. João fez igual, enquanto Viviane olhava. Particularmente interessante, nesse exemplo, é notar que essa proposta interrompe uma seqüência agonística entre as duas crianças, transformando-a numa seqüência sincronizada de movimentos e sonorizações. A transformação parece ser iniciada com o riso de João em resposta à imitação de Viviane ("sai", com a mesma entonação e mímica). Embora se observe que Viviane empurra João mais uma vez e fala para ele sair, o tom emocional da situação mudou: Viviane começa a cantar e João aproxima-se dela, subindo no balanço.

A proposta de Viviane no 7º momento talvez possa ser traçada, retrospectivamente, até a réplica que ela apresenta ao "sai" de João no 6º momento. Nota-se que, ao replicar a João desta maneira, Viviane introduz um componente rítmico — repetição da ação do parceiro —, componente que ela parece elaborar em seguida, cantarolando e pulando; mas é quando ela olha para João e pára seu próprio movimento — como que a ceder o turno — que a seqüência sincronizada se efetiva: João responde, não só assumindo o turno oferecido mas também ajustando sua resposta ao ritmo proposto.

Esse exemplo evidencia novamente que as crianças conseguem, por meio de suas ações, acordos bastante claros, mesmo nessa idade, quando há muita sonoridade, mas as verbalizações nem sempre são inteligíveis. Na seqüência descrita acima, o acordo é mediado por ajustamentos rítmicos e posturais. Um primeiro aspecto rítmico é a ocorrência de turnos. Recortar uma seqüência interativa em turnos é estabelecer um ritmo dentro da atividade: um faz e o outro espera e, no turno seguinte, invertem-se os papéis. No exemplo considerado acima, Viviane e João coordenaram-se em turnos, ainda que por um curto período de tempo: Viviane pulou e parou, olhando para João; este pulou e parou, olhando para ela; Viviane reiniciou os pulos, abreviando-os (fazendo apenas a flexão do corpo) e, depois, alterou o ritmo das flexões. João se introduziu corretamente no ritmo, sem que Viviane parasse, alcançando um desempenho sincrônico.

O ajustamento postural em turnos, conduzindo a uma ação sincrônica, é também exemplificado, neste

mesmo episódio, pela seqüência que se desenrola entre Lucinéia e Alexandre no 9º momento: Lucinéia, sentada ao lado de Alexandre, encosta a cabeça; Alexandre olha para ela e faz igual, fechando os olhos. Lucinéia desencosta a cabeça, olha para Alexandre, e então se encosta outra vez, fechando os olhos. Daniela, que está fora do balanço, impulsionando-o, olha para os dois e ri; depois, ela própria fecha os olhos. Alexandre e Lucinéia abrem os olhos e riem; Daniela ri também. Alexandre e Lucinéia encostam a cabeça e fecham os olhos outra vez.

O acordo entre as crianças pode se dar em níveis diferentes. Ainda nesse exemplo, nas seqüências de "fingir dormir", inicialmente com a díade Alexandre e Viviane, e depois com a díade Alexandre e Lucinéia, existia acordo em nível de ações e, é plausível dizer, esse acordo refletia uma mesma disposição psicológica: as crianças riem, demonstravam interesse e atenção. Mas não se tem evidência clara de acordo quanto ao significado que elas atribuíam ao "encostar a cabeça com os olhos fechados", até que Daniela se introduziu na brincadeira, bateu de leve em uma das crianças (Lucinéia) e falou: "corda, Tiane; corda, Kistiane; corda, Kistiane" (confundindo o nome de Lucinéia). Lucinéia e Alexandre permaneceram de olhos fechados por um instante; logo depois, abriram os olhos, desencostaram-se, riram e, juntamente com Daniela, iniciaram uma outra seqüência interativa. Observe-se que Daniela explicitou para o grupo o que representava para ela aquela brincadeira; não foi possível, no entanto, conferir se havia acordo das crian-

ças neste nível do significado, nem verificar o rumo que a brincadeira tomaria a partir daí, uma vez que ela não prosseguiu.

Como se pode observar, as crianças constroem suas brincadeiras recortando pequenas ações das outras, ajustando-se a elas, seja repetindo-as integralmente ou parcialmente, acrescentando-lhes algo, ou até substituindo partes delas, e regulando-se continuamente pelo confronto com as ações dos parceiros e com o efeito de suas próprias ações. Recortes, propostas e ajustamentos compõem como que uma linguagem cujo compartilhamento, construído na situação interativa, se manifesta nos acordos alcançados e na efetivação de seqüências interativas.

O papel da interação e das relações sociais no desenvolvimento tem sido enfatizado repetidamente na literatura psicológica nas últimas décadas (por exemplo, Vygotsky, 1984). No entanto, a ênfase em geral recai na relação da criança com o adulto, visto como um parceiro mais competente, capaz de interpretar e complementar as ações da criança e assim promover seu desenvolvimento. A análise acima é indicativa do papel potencial do parceiro de idade nesse processo. Tal como o adulto interagindo com uma criança, a outra criança seleciona — recorta — aspectos do comportamento do parceiro, oferece seus recortes como proposta, ajusta-se e regula-se pelo ajustamento do outro às suas ações, construindo assim, ativa e conjuntamente, atividades, situações e conhecimentos compartilháveis e compartilhados.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BRUNER, J. S., JOLLY A., SYLVA, K. *Play — it's role in development and evolution*. London: Penguin Books, 1976.
- CARVALHO, A. M. A. Brincar juntos: natureza e função da interação de crianças. In: ADES, C. (org.). *Etologia de animais e de homens*. São Paulo: EDICON/EDUSP, 1989.
- CARVALHO, A. M. A., BERALDO, K.E.A. Interação criança-criança: o ressurgimento de uma área de pesquisa e suas perspectivas. *Cadernos de pesquisa*, São Paulo, n.71, p.55-61, 1989.
- CARVALHO, A. M. A., PEDROSA, M. I. Três enfoques ao desenvolvimento social: uma revisão de estudos sobre interação criança-criança. (mimeo)
- PEDROSA, M. I. *Interação criança-criança: um lugar de construção do sujeito*. São Paulo, 1989. Tese (dout.) Instituto de Psicologia/USP
- PEDROSA, M. I., CARVALHO, A. M., HAMBURGER, A. *Interaction and regulation: theoretical discution and an empirical example*. (mimeo)
- THOMAN, E. Changing views on the being and becoming of infants. In: E. THOMAN (org.). *Origins of the infant's social responsiveness*. New Jersey: Erlbaum, 1979.
- VYGOTSKY, L. S. *A Formação social da mente*. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
-